

Carta de Vladimir Herzog para Alex Viany

Londres, 5 de julho de 1966

Londres, 5 jul. 1966

Meu caro Alex.

Desculpe estar respondendo só agora à sua carta de 9/5, mas é que ultimamente tenho andado muito ocupado seja na BBC (cobertura da Copa) seja em casa (mudança, herdeiro que vem aí etc.). Essas e outras razões, aliás, são o principal motivo que me tem impedido, inclusive, de manter minha promessa de colaborar com a *RCB* [*Revista Civilização Brasileira*]. Mas como você mesmo diz, “quem é vivo sempre aparece” e dia mais dia menos você acabará recebendo senão uma torrente pelo menos um manso riacho de elucubrações que porventura saírem desta cachola. Na verdade, achei melhor esperar para “ambientar-me” um pouco antes de começar a escrever. A gente vem de fora com uma perspectiva dos fatos que, embora válida em si e em relação a determinado contexto sociogeográfico, precisa sofrer certas podações e adequar-se a um mundo que apresenta não poucas diferenças em relação àquele que deixamos para trás. Minha grande dificuldade aqui tem sido entrar em contato com gente do ambiente cinematográfico. Tudo aqui é muito “profissionalizado”, “fechado” e é preciso uma paciência de elefante para se conseguir um mínimo. Estou apenas começando a pegar alguns fios da meada, enquanto leio o que se escreve por aí, assisto o que posso (a programação, tanto da cinemateca como dos circuitos comerciais é bastante boa e variada, embora algo precária no que diz respeito às produções dos países latinos, exceto França). Outra coisa boa que temos aqui é o teatro – jovem, vanguardista, dinâmico embora, evidentemente, com outras preocupações que não as nossas. Ainda no ano passado estive aqui (como já lhe contei) o Berliner Ensemble, que embasbacou todo mundo. Na oportunidade tentei fazer para a *RCB* uma entrevista com a Helene Weigel e o principal diretor do grupo. Ela foi muito amável mas (gênios, hélas!) não me deixou gravar a conversa que tivemos. Diante disso entreguei-lhe um questionário escrito, que ela prometeu responder de Berlim. Isso foi em agosto e até agora, embora tenha escrito reclamando a resposta, nada recebi. Uma pena, porque seria um material ótimo para a revista. Estou pensando para os próximos meses fazer uma série de entrevistas com os “novos” do cinema e teatro inglês; vamos ver se dá certo. Dentre as coisas que vi, o mais notável foi o filme *THE WAR GAME* de Peter Watkins. Produzido pela televisão da BBC, teve sua exibição por TV interdita, só sendo exibido na Cinemateca e em cinemas de arte. A fita trata, em estilo de documentário de atualidades, de um hipotético bombardeio atômico contra a Inglaterra, partindo de fatos e dados de hoje: a guerra no Vietnã, a situação em Berlim, a alienação do povo em relação aos perigos em que é levado pela atitude do governo, das mentiras de cientistas, políticos, Vaticano etc. Um filme tremendo, que deixa a gente com um nó na garganta. Pela sua proposição e colocação histórica do problema, acho que é a fita mais “engajada” feita até hoje pelo cinema. Watkins tem trinta anos e fez antes uma outra fita *Culloden* sobre a guerra civil na Escócia, dentro da mesma linha. É uma das principais vítimas das minhas futuras entrevistas e, se conseguir, mandarei a você também o roteiro de *THE WAR GAME* pois

acho que sua publicação é de importância imensa. Se a fita passar aí (o que duvido) não a perca de modo algum. E se promoverem mais algum festival, convidem-na *com tapete de honra!*

Até agora não recebi nenhum livro da Editora. A única coisa que me chegou foi o terceiro número da *Política Externa Independente*. Gostaria de receber o número duplo da *RCB* (se possível mais de um exemplar, pois há outros interessados aqui) e algum livro dos mais importantes que tenha sido publicado. Fiquei satisfeito em saber que a coleção de cinema está indo para a frente, com excelentes títulos. Recebi *Deus e o Diabo* por via particular e gostaria de receber outros, principalmente os relacionados com cinema brasileiro. Você ainda não me informou em que pé está o assunto da publicação do livro de Karel Reisz. Quando cheguei a Londres transmiti seu recado ao editor (sobre material fotográfico) sendo que ele depois me comunicou que lhe escrevera a respeito. Como sabe, Reisz disse-me que não achava interessante escrever outro prefácio para a edição brasileira. Dele vi recentemente seu último filme *Morgan* que está fazendo grande sucesso. Uma fita bastante boa, embora a mim, pessoalmente não eleve o entusiasmo às nuvens. Mas, repito, uma fita boa – e importante. E, para certo tipo de nossas “esquerdas”, até que um pouco desalienante. Aliás, tomando como ponto de partida um dos aspectos da fita (a desmistificação do marxismo sentimental) estou pensando em bolar um documentário que se intitularia, mais ou menos, *Marx em Londres* ou *O túmulo de Karl Marx*. Se a coisa sair, depois lhe conto. Quanto aos meus projetos de estudar cinema na Europa, tive que mudar um pouco meus planos. No começo do ano estive na Itália e, em Roma, afundaram-se minhas esperanças de estudar no Centro Sperimentale. Em parte porque passei da idade-limite para entrar (28 anos) e, em parte, porque todo mundo, inclusive Birri, me desaconselhou a frequentar o Centro, que está completamente encarquilhado pelos luminares democristãos. Como era de se esperar... Diante disso, resolvi concentrar o fogo aqui mesmo na Inglaterra, onde acabei descobrindo que existem alguns cursos bons, como o departamento de cinema e TV do Royal College of Arts. Ali eles dão ao aluno um tutu para que ele se vire fazendo uma fita ou colaborando em trabalhos dos colegas. E o curso consiste nisso – puro trabalho prático. E é justamente o que eu estou buscando, oportunidade para aperfeiçoar meus conhecimentos técnicos e gramáticos. Não que eu espere daí tornar-me “doutor” em artes cinematográficas, mas pelo menos aproveito melhor o tempo que estou perdendo na Europa. E experiência nunca faz mal a ninguém. O diabo é que só posso concorrer a vaga para o ano letivo que começa em outubro de 1967, e ainda assim com relativa chance, pois a concorrência é muita e as vagas pouquíssimas. Mas vou fazer força.

Você me pede na sua carta para lhe mandar o texto português, ampliado, do ensaio que escrevi, junto com o Sérgio Muniz, para o Festival de Florença. Acontece que fizemos então a matéria às pressas, entregamos o texto à tradutora que precisava terminar a tradução para o dia seguinte. Não sei se o Sérgio está com o texto português original. Eu, em todo caso, não o tenho. Além disso, como lhe disse no início desta, ando agora atarefado com esse negócio da Copa do Mundo e só no fim do mês vou voltar a ter paz de espírito para pensar em outras coisas. Por isso, caso você tiver pressa, aconselho-o a pedir que o Sérgio faça o texto definitivo para publicação (concordo com você que o de Florença merece ser ampliado, pois muita coisa ficou apenas indicada e meio no ar). Se o Sergio não puder fazê-lo, comunique-me e eu no fim do mês porei mãos à obra. Quanto ao envio do livro de T. Kezich sobre *Salvatore Giuliano* estou esperando portador disposto a levá-lo, já que mandar pelo correio seria arriscado, e o livro é difícil de con-

seguir. Provavelmente o mandarei com algum jornalista que retornar ao Brasil depois da Copa. Soube pelo Pallero que ele lhe entregou aquele ensaio do Birri “Por un cine popular”. Antes de publicá-lo, porém, sugeriria que você consultasse o Birri a respeito, pois em Roma ele me disse que considerava superados certos pontos de vista emitidos naquele texto.

Quanto ao movimento editorial aqui: uma excelente reedição dos escritos de Grierson *Grierson on Documentary*, compilados por Forsyth Hardy, Faber & Faber (24 Russel Sq., London WC1) cuja tradução e publicação no Brasil recomendo; e três volumes da Penguin: *The Cinema as Art* de Ralph Stephenson e J. R. Debrix; *The Contemporary Cinema* de Penelope Houston; e *Film World* de Ivor Montagu.

Quanto aos últimos filmes brasileiros, recebi algumas informações a respeito, recortes de críticas etc. O diabo é que aqui, em Londres, não há meio de vê-los, pois nunca passariam. Aqui, no ano passado, só foram exibidos comercialmente *Noite vazia (Men & Women)* e o filme de Sucksdorf, *Meu lar em Copacabana*. O primeiro apropriadamente num cinema especializado em atrações “eróticas” e o segundo recebendo alguns elogios de críticos, como Kenneth Tynan, mas a meu ver uma droga. Gostaria muito de ver *Matraga*, *Desafio*, *O padre e a moça*, *Menino de engenho* e outros. E sua opinião a respeito de cada um (acabo de ler na *Folha da Semana* um artigo seu sobre o filme do Cacá, mas não consegui concluir se você realmente concorda ou não com a fita). Aliás, se me mandasse de vez em quando algum recorte de críticas suas, será um favor bem recebido. A imprensa inglesa nem sequer mencionou a participação brasileira em Cannes. Os ingleses, por sinal, não dão muita bola a festivais, só lhes interessa o Oscar. Mesmo assim papam uma porção de prêmios, inclusive para fitas imbecis como *Help!* (meus pêsames para quem, aí no Rio, votou a favor).

E meta ficha logo nos seus *Subsídios para o estudo da História Social do Cinema Brasileiro*, pois precisamos deles mais do que nunca!

Um grande abraço, extensivo a toda a casa, do
Vlado

P.S.: Você talvez possa mandar algum material para mim (RCB 5-6 etc.) por alguém que venha para cá durante a Copa. Jornalistas esportivos, por exemplo.

– Seria possível receber regularmente a *Folha da Semana*?

Se necessário, pagarei. Desde que saiba quanto e como.